

Não ao derrotismo

O Brasil atravessa hoje, inegavelmente, os piores momentos de sua História. Todos os indicadores econômicos apontam para um agravamento da crise — que não é apenas econômica, mas também política, social, de valores, atingindo portanto a vida de todos em geral e de cada um em particular.

Desse quadro sombrio decorre um clima de desencanto e desesperança que contamina a todos os estratos sociais, desde os “descamisados” de Collor (que já atingem a casa dos 100 milhões) até as conhecidas “elites”, que tanto o Presidente criticou na campanha e mesmo após chegar ao Palácio do Planalto. Com isso, jamais o País iniciou com tamanho pessimismo um ano, como ocorre nesse limiar de 1992.

E, no entanto, é preciso cantar; mais que nunca é preciso cantar — diz o poeta carnavalesco. Nesses simples versos encerra-se uma lição que o brasileiro, cujo otimismo e alegria sempre foram cantados em prosa e verso, precisa reaprender. Cantar, no caso, significa adotar nova postura diante das dificuldades. Deixar de lamentá-las e assumir corajosamente o preço que deve ser pago pela construção de um novo país, em que não tenhamos mais vergonha de uma das mais perversas distribuições de renda do mundo, porque ela terá sido alterada. Não ter medo de tomar consciência de nossas mazelas e, com os pés no chão e um sonho na cabeça, começar a luta efetiva por um Brasil mais justo e humano, em que a necessária modernização da

economia e dos costumes não signifique o alijamento de milhões de brasileiros da sociedade de consumo. Saber, em suma, que o País que temos é este, com todas as suas virtudes e seus defeitos, e que deixá-lo para nossos filhos num estágio de desenvolvimento superior àquele em que o recebemos é obrigação de todos — do governo, das elites empresariais e políticas, dos líderes de todos os tipos, mas também do cidadão comum, e que desta responsabilidade ninguém pode fugir impunemente.

É preciso voltar a cantar, mas não que isso signifique ufanismo vazio e inconsequente. Ao contrário, o brasileiro precisa reaprender o que distingue o realismo do pessimismo. Tomar consciência dos problemas é importante para poderemos encontrar os caminhos de sua superação — não para que nos entreguemos fatalisticamente ao lugar-comum “este País não tem mesmo jeito, não adianta lutar”. Este gênero de lamentação é típico daqueles que se deixam levar passivamente para o matadouro, ou, pelo contrário, por quem, matreiramente, tem interesses — políticos ou econômicos — a preservar.

O último dia do ano oferece oportunidade ímpar para essas reflexões. Se as dificuldades do momento grave que atravessamos são imensas, o País todo precisa reunir forças para enfrentá-las — sem desperdício de energias na forma de lamúrias que a nada conduzem senão à inação do derrotismo.